

## Conhecimento tradicional de plantas medicinais utilizadas na cidade de Lages-SC

### *Traditional knowledge of medicinal plants used in the city of Lages-SC*

Natiele da Silva Galvan<sup>1\*</sup>, Mari Lucia Campos<sup>1</sup>, David José Miquelluti<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro de Ciências Agroveterinárias, Universidade do Estado de Santa Catarina, Lages, Santa Catarina, Brasil.

\*Autora para correspondência: [natiele.galvan@gmail.com](mailto:natiele.galvan@gmail.com)

### RESUMO

Estudos etnobotânicos para o resgate do saber popular sobre o uso das plantas medicinais têm sido realizados intensamente em diferentes regiões brasileiras. A sua utilização nem sempre é realizada de forma correta, e isto pode acarretar a perda do princípio ativo, seguido da queda do efeito que se esperava da planta no organismo, e até mesmo o seu excesso pode ocasionar danos à saúde. Em muitos países, as plantas medicinais são usadas e comercializadas com pouca ou nenhuma fiscalização, quanto à presença de metais pesados. O objetivo deste artigo foi realizar um levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores na cidade de Lages-SC. Realizou-se a identificação in situ de alguns exemplares das plantas citadas pelas pessoas entrevistadas, sendo que, a parte aérea das plantas foram coletadas para identificação botânica. Durante o estudo, foram entrevistadas 115 pessoas, com idade variando entre 19 e 78 anos, com média de 49 anos. Dos entrevistados 80,86% eram mulheres. A família Asteraceae foi a mais citada. *Cymbopogon citratus*, *Achyrocline satureioides* e *Mentha sp* foram as plantas que obtiveram a maior frequência relativa de citação. Com a realização das exsiccatas, observou-se que os moradores utilizam a mesma nomenclatura para espécies de plantas diferentes.

**Palavras-chave:** etnobotânica; medicinal; conhecimento.

### ABSTRACT

Ethnobotanical studies to rescue popular knowledge about the use of medicinal plants have

Realização

**SIMPÓSIO  
INTER  
NACIONAL**



Financiamento



Apoio



been intensely carried out in different Brazilian regions. Its use is not always carried out correctly, and this can lead to the loss of the active principle, followed by the drop in the expected effect of the plant in the body, and even its excess can cause damage to health. In many countries, medicinal plants are used and marketed with little or no inspection regarding the presence of heavy metals. The objective of this article was to carry out an ethnobotanical survey of medicinal plants used by residents in the city of Lages-SC. The in situ identification of some specimens of the plants cited by the interviewees was carried out, and the aerial part of the plants were collected for botanical identification. During the study, 115 people were interviewed, aged between 19 and 78 years, with an average of 49 years. Of the interviewees, 80.86% were women. The Asteraceae family was the most cited. *Cymbopogon citratus*, *Achyrocline satureioides* and *Mentha sp* were the plants that obtained the highest relative citation frequency. With the realization of the specimens, it was observed that the residents use the same nomenclature for different plant species.

**Keywords:** ethnobotany; medicinal; knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

As plantas medicinais são utilizadas pelo homem desde os primórdios da humanidade, devido suas propriedades terapêuticas (Andrade *et al.*, 2021). O uso de plantas medicinais como alternativa terapêutica no Brasil é resultante da forte influência cultural indígena, europeia e das tradições africanas (Silva *et al.*, 2018). A sua utilização permanece até os dias atuais, porque os saberes e práticas tradicionais e populares da fitoterapia são repassados de geração a geração, por acreditarem que as plantas medicinais não possuem efeitos colaterais e por serem de fácil acesso.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que cerca de 80% da população mundial faz uso de algum tipo de erva na busca de alívio de alguma sintomatologia ou enfermidade desagradável (Cajaiba *et al.*, 2016a). Segundo Madaleno (2011), no advento do terceiro milênio, cerca de 1/3 da população mundial depende ainda dos poderes curativos das plantas, desse modo, elas são usadas como o único recurso terapêutico de uma parcela da população mundial.

A urbanização das cidades e a migração da população rural para a área urbana resultam em perda do conhecimento sobre as plantas medicinais. Seja em função do distanciamento das

plantas, uma vez que nas áreas urbanas os quintais ou jardins, onde as plantas possam ser reconhecidas e coletadas, são cada vez menos frequentes. Soma-se ainda a falta de interesse no aprendizado de suas propriedades, as novas gerações parecem estar perdendo este conhecimento.

Estudos etnobotânicos facilitam a compreensão dos critérios de escolha de plantas para compor o elenco de espécies úteis de uma determinada localidade como, por exemplo, de espécies nativas ou exóticas, anuais ou perenes, ou ainda com diferentes categorias de uso (Prado *et al.*, 2019).

No entanto, o conhecimento botânico popular encontra-se ameaçado por fatores como, pressões econômicas e culturais externas a comunidade, desinteresse deste saber pelos mais jovens, êxodo rural, o que leva ao desuso do conhecimento popular e, conseqüentemente, o desaparecimento (Merhy; Santos, 2017).

Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo realizar um levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Tributo na cidade de Lages-Santa Catarina.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido no município de Lages (27°49'0"S 50°19'35"W), localizado no estado de Santa Catarina. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), o município de Lages possui uma extensão territorial de 2.629,8 km<sup>2</sup> e conta com, aproximadamente, 156.727 habitantes.

A coleta dos dados foi realizada durante os meses de dezembro de 2019 a janeiro de 2020, através de um questionário semiestruturado composto por doze perguntas abertas e fechadas sobre o uso de plantas medicinais. As entrevistas foram realizadas nas residências, não havendo critérios para a escolha das pessoas a serem entrevistadas.

Conforme instruções da Resolução nº 466/12 para pesquisas com seres humanos, todas as pessoas entrevistadas durante a execução da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) exigido pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), número do parecer 3.732.570.

A sistematização do conhecimento popular envolveu a combinação de métodos qualitativos e quantitativos em etnobotânica. Os dados etnobotânicos foram analisados por meio de um índice quantitativo, Frequência Relativa de Citação (FRC), e os dados foram relatados em porcentagens, para os gráficos foi utilizado o SigmaPlot 12.5<sup>®</sup>.

### 3 RESULTADOS

Durante o estudo, foram entrevistadas 115 pessoas, com idade variando entre 19 e 78 anos, com média de 49 anos. Dos entrevistados 80,86% eram mulheres.

Quanto ao conhecimento em plantas medicinais, 96 entrevistados relataram receber orientações pela família e apenas seis dos entrevistados responderam que receberam orientação médica.

Para a pergunta relacionada a origem da planta, 72 entrevistados cultivam e destes, 83,3% declararam praticar algum tipo de manejo para o melhor desenvolvimento da planta. Na pergunta relacionada “como se adquiriu a planta”, 62,6% responderam que cultivam a própria planta, 41,7% compra, 23,4% pegam do vizinho e 2,6% coleta na rua.

Os entrevistados citaram 57 espécies, distribuídas em 25 famílias botânicas. As três famílias mais citadas foram Asteraceae (12 espécies), Lamiaceae (11 espécies) e Myrtaceae (5 espécies).

As plantas que tiveram a maior frequência relativa de uso foram *Cymbopogon citratus* (0,63), *Achyrocline satureioides* (0,38), *Mentha sp.* (0,32), *Rosmarinus officinalis* (0,17) e *Plectranthus barbatus* (0,12), conhecidas popularmente como cidreira, marcela, hortelã, alecrim e boldo respectivamente.

A Cidreira ou Capim-limão (*Cymbopogon citratus*), Erva-cidreira (*Melissa officinalis*) ou Cidrô (*Aloysia citrodora*) foi citada 59,25% dentre as espécies relatadas no questionário. O Hortelã-comum (*Mentha spicata*) ou Hortelã-pimenta (*Mentha piperita*) foi citado 42,59% dentre as espécies. A cidreira (*Cymbopogon citratus*), marcela (*Achyrocline satureioides*), hortelã (*Mentha sp.*) foram as plantas mais citadas.

### 4 DISCUSSÃO

Quanto ao gênero, dados semelhantes foram observados no trabalho de Rodrigues *et al.*,

2020. A predominância de mulheres se explica pelo fato de os horários das entrevistas abrangerem o período da manhã e meio da tarde, embora isso tenha ocorrido não se pode descartar a participação dos homens, que mesmo em menor número, se mostraram muito bem-informados a respeito do assunto de plantas medicinais nos diversos aspectos abordados.

A menor representatividade em relação à idade foi a dos jovens. Justifica-se que os jovens têm como referência o que lhes é recente, o que pode gerar transformações dentro de uma comunidade, já que os recursos atuais não são os mesmos utilizados pelas gerações anteriores. Além disso, as pessoas com menor idade possuem acesso a novas tecnologias, procurando oportunidades profissionais em centros urbanos, e, dessa forma, não resgatam o conhecimento de seus ancestrais, deixando de lado o interesse pela utilização dos recursos naturais (LUCA *et al.*, 2016). Pode-se justificar também que a menor representatividade de jovens na entrevista, se dá pelo horário, pois os mesmos estariam na escola.

A família Asteraceae foi a mais citada, esta também se destacou em países da Pan-Amazônia, como Venezuela (Giraldo *et al.*, 2009) e Bolívia (Macía *et al.*, 2005), devido às suas propriedades antibacteriana, antifúngica e anti-inflamatória (Monteiro *et al.*, 2010). Os gêneros dessa família geralmente apresentam espécies de pequeno porte que têm bom desenvolvimento em todos os tipos de habitat, principalmente em regiões tropicais da América do Sul (Freitas *et al.*, 2011). A grande representatividade da Asteraceae se deve ao fato que esta é uma das maiores famílias de plantas contemplando aproximadamente 1.600 gêneros e 23.000 espécies (Hattori *et al.*, 2008).

A maioria dos entrevistados cultivam a própria planta que consomem. Segundo Carniello *et al.* (2010) o número de espécies cultivadas depende da utilidade e tamanho das plantas, além da área disponível para o cultivo. A preferência pelo cultivo deve-se ao fato de as plantas medicinais apresentarem uma produção constante, proporcionando remédios variados em uma área reduzida que complementam a sua saúde. Muitas das plantas medicinais são cultivadas diretamente no chão, canteiros suspensos ou canteiros cercados para proteger dos animais ou ainda em bacias ou latas velhas (Vásquez *et al.*, 2014). A importância dos quintais na vida das populações tanto da zona rural como da zona urbana foi citado em diversos trabalhos (Blanckaert *et al.*, 2004; Albuquerque *et al.*, 2005).

## 5 CONCLUSÃO

Das 115 pessoas entrevistadas 93 (80,86%) eram mulheres, sendo que a idade média foi 49 anos. A maioria dos entrevistados relataram receber orientações, sobre uso das plantas, da família, que cultivam e praticam algum tipo de manejo para o melhor desenvolvimento da planta.

As plantas que tiveram a maior frequência relativa de uso foram *Cymbopogon citratus*, *Achyrocline satureioides*, *Mentha* sp., *Rosmarinus officinalis* e *Plectranthus barbatus*, conhecidas popularmente como cidreira, marcela e hortelã, respectivamente.

A coleta das plantas nas residências e identificação botânica revelou que os entrevistados confundem Cidreira com Melissa, Capim-limão ou Cidró, e o mesmo ocorreu com o Hortelã.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento ao apoio financeiro do Programa de Apoio a Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina- PAP/FAPESC e ao auxílio de bolsa de pesquisa UNIEDU.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; CABALLERO, J. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v. 62, n. 3, p. 491–506, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jaridenv.2005.01.003>.

ANDRADE, N. D.; ALMEIDA, B. M.; SOUSA, R. M. S.; ARAÚJO, M.S. Uso das plantas medicinais para fins terapêuticos por estudantes do Ensino Médio. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e59510414484, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14484>.

BLANCKAERT, I.; SWENNEN, R. L.; PAREDES FLORES, M.; ROSAS LÓPEZ, R.; LIRA SAADE, R. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlán, Valley of Tehuacán-Cuicatlán, Mexico. **Journal of Arid Environments**, v. 57, n. 2, p. 179–202, 2004. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-1963\(03\)00100-9](https://doi.org/10.1016/S0140-1963(03)00100-9).

CAJAIBA, R. L.; GOMES, A. F.; SANTOS, M. do C.; MEDEIROS, R. R. de; SILVA, W. B. da. Perfil dos comerciantes de plantas medicinais no município de Uruará, Pará, Brasil.

**Enciclopédia Biosfera**, v. 13, n. 24, p. 1473–1482, 2016. DOI: [https://doi.org/10.18677/encibio\\_2016b\\_136](https://doi.org/10.18677/encibio_2016b_136).

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R.S.; CRUZ, M. A. P. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451–470, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0044-59672010000300005>.

FREITAS, A.; COELHO, M.; MAIA, S.; AZEVEDO, R. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48–59, 2011.

GIRALDO, D.; BAQUERO, E.; BERMUDEZ, A.; OLIVEIRA-MIRANDA, M. Caracterización del comercio de plantas medicinales en los mercados populares de Caracas, Venezuela. **Acta Botanica Venezuelica**, v. 32, n. 2, p. 267–301, 2009.

HATTORI, E. K. O.; NAKAJIMA, J. N. A família Asteraceae na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental Galheiro, Perdizes, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, v. 59, n. 4, p. 687–749, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-7860200859405>.

LUCA, V. D. As plantas medicinais do entorno do Parque. In: SANTOS, R. *et al.* (Org.). **Biodiversidade em Santa Catarina: Parque Estadual da Serra Furada**. Criciúma: Ediunes, 2016. p. 147–161.

MACÍA, M. J.; GARCÍA, E.; VIDAURRE, P. J. An ethnobotanical survey of medicinal plants commercialized in the markets of La Paz and El Alto, Bolivia. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 97, n. 2, p. 337–350, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2004.11.022>.

MADALENO, I. M. Climate change in the Pacific – Tuvalu case study. In: ILLACAMPA, Y.; BREBBIA, C. A. (Eds.). **Ecosystems and Sustainable Development**. Southampton: WitPress, 2011.

MERHY, T. S. M.; SANTOS, M. G. A etnobotânica motivando o ensino de Ciências no Ensino Fundamental. **Revista Praxis**, v. 9, n. 17, p. 9–22, 2017. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/676>

MONTEIRO, J. M.; ARAÚJO, E. L.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Local markets and medicinal plant commerce: a review with emphasis on Brazil. **Economic Botany**, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12231-010-9132-1>.

PRADO, A. C. C.; RANGEL, E. B.; SOUSA, H. C. de; MESSIAS, M. C. T. B. Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, v. 70, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-7860201970019>.

RODRIGUES, T. A.; LEANDRO NETO, J.; CARVALHO, T. A. R.; BARBOSA, M. E.; GUEDES, J. C.; CARVALHO, A. V. A valorização das plantas medicinais como alternativa à

saúde: um estudo etnobotânico. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 11, n. 1, p. 411–428, 2020. DOI: <https://doi.org/10.6008/cbpc2179-6858.2020.001.0037>.

SILVA, W. B.; CAJAIBA, R. L.; PARRY, M. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil.

**Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 29, n. 1, p. 115–131, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7925.2016v29n1p115>.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 44, n. 4, p. 457–472, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423>.